



# 4

## Do coitadinho ao super-herói Representação social dos atletas para- límpicos na mídia brasileira e portuguesa

*From the pitiful handicapped to the supercrip  
The paralympic athletes social representation  
at the brazilian and portuguese media*

**Tatiane Hilgemberg<sup>1</sup>**

**RESUMO** Desde os seus primórdios, a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência, apondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na atualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito contra o atleta com deficiência é ainda prevaletente. Todo indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado. A finalidade deste estudo é analisar o tratamento midiático devotado aos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa nos Jogos Paralímpicos de Atlanta/96, Sydney/2000, Atenas/2004 e Pequim/2008. Pela nossa análise, pudemos sumariamente concluir que a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos no Brasil e em Portugal tem mais similaridades do que diferenças. Em ambos, os estereótipos de super-herói e coitadinho foram encontrados, com tendência para o super-herói, ficando as diferenças por conta das variações percentuais entre as edições analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE** Atletas Paralímpicos; Mídia; Brasil; Portugal.

**ABSTRACT** Since its beginning the society tended to marginalize and disqualify people with disabilities giving to them the stigma of difference. Even nowadays, and although we live at a society so called inclusive, the prejudice against the athletes with disability is still prevailing. Every individual that goes against the normality patterns is considered stigmatized. The aim of this study is to analyse the media coverage of paralympic athletes at the Brazilian and Portuguese media at the Paralympic Games in Atlanta/96, Sydney/2000, Athens/2004 and Beijing/2008. From our analyses we could, in summary, conclude that the media coverage of this Paralympic Games in Brazil and Portugal has more similarities than differences. In both countries the pitiful handicapped and the super hero stereotypes were found, with a tendency to the super hero, and the differences were the percentual variations between the analysed editions.

**KEYWORDS** Paralympic Athletes; Media; Brazil; Portugal.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do Laboratório de Estudos de Mídia e Esporte – LEME. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto/Portugal, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

## INTRODUÇÃO

A comunicação constitui um elemento fundamental, para não se dizer vital, para os seres humanos sendo os meios de comunicação de massa "(...) um factor de importância determinante e com um lugar central no funcionamento da sociedade" (CORREIA, 2000, p. 13).

Apesar de encontrarmos respostas diametralmente opostas à questão "De que forma os meios de comunicação influenciam no comportamento das audiências?", podemos afirmar que a mídia é um dos fatores que, direta ou indiretamente, interfere nas formas de conhecer, pensar e agir do público, influencia "(...) nos modos de conhecer e interpretar a realidade, nas concepções e aspirações, nos hábitos e comportamentos, nas orientações e princípios que inspiram as formas de relacionamento e de intervenção na vida social" (Ibid., p. 16).

Portanto, ao produzir uma mensagem, a mídia também produz sentido. Pelo exposto, percebemos a importância dos meios de comunicação em relação às pessoas com deficiência, pois a pouca informação e contato de que dispomos sobre a questão advém da mídia, dando a ela o poder sobre o tipo de informação veiculada e os estereótipos associados.

O esporte torna-se, para as pessoas com deficiência, um meio de integração na sociedade e também na mídia. Os êxitos alcançados nesse domínio fizeram com que o esporte adaptado deixasse de ser meramente de cariz terapêutico para se converter numa atividade de alto rendimento, surgindo, conseqüentemente, os Jogos Paralímpicos. Tais competições olímpicas adaptadas às pessoas com deficiência, até pela sua dimensão, têm vindo

a merecer um incremento em termos da atenção midiática.

Este estudo, portanto, tem por finalidade analisar dois jornais diários (O Globo e O Estado de S. Paulo no Brasil; Jornal de Notícias e Público em Portugal) e uma revista semanal (Veja, no Brasil; e Visão, em Portugal) de cada um dos países em análise, buscando responder à seguinte questão: quais os estereótipos associados aos atletas paralímpicos?

Para tanto, iremos proceder a uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) dos meios citados durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 1996, 2000, 2004 e 2008, comparando as representações sociais dos atletas em cada país.

### Mídia, sociedade e deficiência

Numa sociedade influenciada pelos meios de comunicação, estes podem ter um grande impacto em nosso conhecimento e atitude acerca das pessoas com deficiência. Por lidarem com a produção, reprodução e disseminação de informação que fundamentam a compreensão de grupos sociais, a mídia se tornou um instrumento chave na divulgação e criação de representações.

As representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações (ALEXANDRE, 2001, p. 123).

De fato, foram apenas nos últimos 200 anos que as políticas a favor das pessoas com deficiência apareceram. Desde os seus primórdios, a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as



peessoas com deficiência, opondo-lhes o estigma da diferença. Todo indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado, sendo que tal como afirmam Pontes et. al. (2001), o estigma não está nem no sujeito, nem na deficiência, mas nos “valores culturais estabelecidos pela sociedade que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a estas determinados rótulos sociais”. Marques (2001a) refere que os estereótipos são aplicados às pessoas com deficiência, pois são socialmente tidas como incapazes e improdutivas e biologicamente consideradas “anormais” (segundo o modelo médico).

Uma das facetas que mais tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e facilitado o processo de integração na sociedade e na mídia é fenômeno do esporte. Os Jogos Paralímpicos assumiram-se como corolário e expoente máximo do desporto adaptado, com um número crescente tanto de países como de atletas participantes em cada edição. Como consequência, têm merecido um incremento em termos da atenção midiática.

O tratamento midiático dado ao paralimpismo confere ao desporto adaptado uma consideração social que pode trazer prejuízos ou benefícios ao desenvolvimento do mesmo, bem como à integração das populações com deficiência (AUSLANDER & GOLD, 1999a; CALVO, 2001). Além disso, ao se analisar a atuação da mídia no sistema de representações e discursos referentes ao atleta com deficiência, percebe-se que esta geralmente retrata essas pessoas de forma irreal e estereotipada. Schell e Duncan (1999), por exemplo, examinaram a cobertura televisiva norte-americana dos Jogos Paralímpicos de 1996, enquanto Schantz e Gilbert (2001) analisaram a cobertura da imprensa

escrita francesa e alemã, enfatizando a terminologia utilizada, os estereótipos presentes e os temas mais frequentes. Mais recentemente, Thomas e Smith (2003) exploraram a cobertura da imprensa escrita britânica das Paralimpíadas de 2000 em Sydney, focando particularmente na terminologia utilizada para descrever os atletas com deficiência, a linguagem e as imagens usadas para retratar as performances. É de se notar que os resultados desses estudos apontam, em graus diferentes, para questões semelhantes. Todos os estudos mencionados revelaram que a mídia (tanto audiovisual, quanto escrita) tende a descrever as performances dos atletas com deficiência de forma relativamente consistente com o modelo médico. Sendo assim, estes atletas tendem a ser retratados ou como “vítimas” (coitados) ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar de um evento esportivo, um super-herói.

Muito frequentemente, os meios de comunicação representam as pessoas com deficiência em suas histórias e imagens, retratando-as como diferentes ou como pessoas que não se enquadram na sociedade. Dessa forma, as atitudes acerca destes indivíduos a partir das representações midiáticas podem se desenvolver em um misto de piedade e inspiração pelo enfrentamento. Segundo Kama (2004) o paradigma do coitadinho complementa o processo de objetificação da pessoa com deficiência, em que estes indivíduos se tornam a personificação de suas deficiências. E como são “imperfeitos” não são capazes de sobreviver independentemente dos outros. O estereótipo do coitadinho perpetua ainda a imagem das pessoas com deficiência como objetos de pena. Neste estigma, as pessoas são geralmente retratadas como vítimas de um trágico destino, como inca-

pazes, dependentes, o que as diminui, degrada e desumaniza, mostrando-as como passivas e com necessidades de cuidado e pena (NELSON, 1994).

Por outro lado, os atletas com deficiência também são retratados como super-heróis e pessoas com habilidades extraordinárias para lidar e superar seus obstáculos. Essas imagens de super-herói são problemáticas, uma vez que levam à suposição de que todas as pessoas com deficiência devem esforçar-se heroicamente para superar suas limitações e ajustar-se (SCHELL & DUNCAN, 1999). O estereótipo de super-herói lida com a luta comovente de alguém que enfrenta o trauma da deficiência e, com grande coragem, perseverança e determinação, triunfa ou sucumbe heroicamente (NELSON, 1994). De acordo com Hardin e Hardin (2004) este tipo de estigma é mais comumente voltado para os atletas com deficiência, e desencadeia duas ideias: primeiro, a deficiência não é socialmente construída, mas é equivalente a uma limitação que pode e deve ser superada pela dedicação dos indivíduos; e, segundo, por padrão, todas as pessoas com deficiência que não atingem esse tipo de performance são consideradas preguiçosas e sem autodisciplina. Ou seja, este estereótipo faz com que as outras pessoas com deficiência que não realizam feitos extraordinários sejam julgadas negativamente (KAMA, 2004). Este modelo pode ser considerado pelo imaginário popular como positivo por conta de suas proezas super-humanas, mas, na verdade, reforça preconceitos e não muda a construção cultural da deficiência (Ibidem).

### Os Modelos de Representação da Deficiência

O desenvolvimento das atitudes perante as pessoas com deficiência atravessou diversos pe-

ríodos, remetendo-nos a diferentes perspectivas em relação a este grupo. Conforme entramos no terceiro milênio, as preocupações acerca das dimensões social e política da deficiência intensificaram-se consideravelmente (BARNES, MERCER & SHAKESPEARE, 1999). Este novo foco sobre as questões da deficiência também fez com que houvesse um crescimento do chamado Disability Studies, e o amadurecimento da literatura sobre vários aspectos da deficiência, sendo este um fenômeno global. Com, este crescimento vimos o florescer de teorias e modelos nos quais a deficiência começava a ser enquadrada. Atualmente, dois modelos predominam – o modelo médico e o modelo social –, através dos quais organizações, instituições e investigadores tentam conceitualizar a pessoa com deficiência e a deficiência em si.

No modelo médico, também conhecido como individual ou tradicional, a deficiência é vista como um problema que precisa ser tratado, e à pessoa com deficiência é relacionado o estereótipo da incapacidade. Através deste modelo, busca-se que as pessoas com deficiência sejam, ou voltem a ser, funcionais para que assim possam ser integradas à sociedade (KAMA, 2004). Este modelo trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experienciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES et al, 1999). Também adota as definições e percepções nas quais a deficiência é tida como uma incapacidade de um indivíduo e que resulta na perda ou limitação de uma função (THOMAS e SMITH, 2009).

Face à crescente insatisfação com a explicação medicalizada que prevaleceu durante o século XX, este pensamento e prática ortodoxos começaram a ser questionados por diversas organizações autônomas a partir do final dos anos



1960 quando ativistas, especificamente pessoas com deficiência, organizaram-se e ergueram bandeiras contra o modelo vigente. O modelo social surge, então, com o objetivo de oferecer resistência a esta perspectiva medicalizada da deficiência e é um produto da crítica ao capitalismo (HUGHES, 1999).

Este modelo rejeita a visão de que a deficiência é causada pela presença de um “defeito” e transfere o foco do corpo para o ambiente e as barreiras que excluem as pessoas com deficiência da sociedade (THOMAS & SMITH, 2003).

No modelo social, a pessoa com deficiência é construída por mecanismos de repressão cultural e institucional que policiam o corpo e o fabrico de um mundo inacessível. Esta abordagem foca um conjunto de causas estabelecidas externamente, ou seja, os obstáculos impostos às pessoas com deficiência que limitam suas oportunidades de participar na sociedade (BARNES et al, 1999). Para além disso, o modelo social considera uma vasta gama de fatores e condições sociais, tais como as circunstâncias familiares, suporte financeiro, educação, mercado de trabalho, habitação, transporte e o ambiente físico, entre outros. Contudo, da mesma forma que o modelo anteriormente descrito tende a estereotipar a pessoa com deficiência, nesse caso como um super-herói que enfrenta tais barreiras e é bem sucedido.

## Material e métodos

Para a consecução deste estudo, foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) dos artigos de quatro destacados jornais impressos e duas revistas semanais, a saber: os jornais brasileiros O Globo e O Estado de S. Paulo e a revista Veja; e os jornais portugueses Jornal de Notícias

e Público e a revista Visão. A escolha dos jornais impressos foi baseada na conjugação de múltiplos critérios:

- a circulação: de acordo com a Associação Nacional de Jornais, os impressos O Globo e O Estado de S. Paulo figuram entre os cinco jornais com maior circulação nos anos analisados; o mesmo ocorre com o Jornal de Notícias e Público, segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação;
- o grau de reputação junto das audiências, o fato de os jornais serem produzidos nos principais polos urbanos de cada país, Rio de Janeiro (O Globo) e São Paulo (O Estado de S. Paulo), no Brasil; e Porto (Jornal de Notícias) e Lisboa (Público), em Portugal, respectivamente.

A escolha das revistas Veja e Visão prende-se ao fato de possuírem políticas editoriais semelhantes, durante o período em análise.

Em nosso estudo, pretendemos identificar os principais estereótipos associados ao atleta com deficiência. Nossa revisão de literatura nos permitiu estabelecer a seguinte hipótese: os atletas com deficiência serão representados estereotipadamente, em ambos os países, sendo que os estereótipos de super-herói e coitadinho serão os mais encontrados.

Ao procedermos à análise de conteúdo, tornou-se necessário a construção de um sistema categorial que nos guiasse pelo material a ser analisado. Criamos duas categorias de estereótipo, “Coitadinho” e “Super-Herói”, nos quais se inserem as subcategorias abaixo relacionadas.

**Quadro 01 – Sistema Categorical empregado na Análise de Conteúdo**

Categoria	Subcategorias
Coitadinho	Vítima Sofrimento/Doença Incapaz Fardo Mal/Problema Anormalidade Triste
Super-herói	Superatleta Corajoso Superação Exemplo

Quanto ao período de análise, elegemos os Jogos Paralímpicos, uma vez que nos é mais con-

veniente encontrar informações sobre os atletas com deficiência neste período, assim restringimos a análise entre o dia anterior à cerimônia de abertura dos Jogos até ao dia subsequente à cerimônia de encerramento. Organizamos então o seguinte período: 1996/Atlanta – de 15 a 26 de agosto; 2000/Sydney – de 17 a 30 de outubro; 2004/Atenas – de 16 a 29 de setembro; 2008/Pequim – de 5 a 18 de setembro.

### **Apresentação e discussão dos resultados**

Os dados de nosso estudo revelam que ambos os estereótipos foram registrados em nossa análise (Quadro 02). Alguns autores afirmam que os estereótipos divulgados pela mídia são reflexos dos medos e ansiedades do público, ou seja, nós evitamos falar sobre a possibilidade da deficiência, em nós ou em alguém próximo, e o que tememos geralmente estigmatizamos (LONGMORE, 1985).

**Quadro 02 - Porcentagem dos estereótipos registrados em ambos os países, nas edições analisadas, referentes ao total de estereótipos identificados no ano.**

	1996		2000		2004		2008	
	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal
Coitadinho	33%	71%	50%	0%	53%	31%	44%	22%
Super-herói	67%	29%	50%	100%	47%	69%	56%	78%

\*As porcentagens são apresentadas de forma arredondada

No Brasil, não há uma tendência entre os tipos de estereótipos, sendo que, em 1996 e 2008, o super-herói é o mais encontrado; em 2004, o coitadinho impera e, em 2000, ambos encontram-se com a mesma taxa de ocorrência. No entanto, apenas em 1996 há uma diferença significativa entre as taxas de ocorrência (67% para super-herói e 34% para coitadinho). A partir de 2000, as taxas per-

manecem equitativas, mostrando um equilíbrio entre os dois estereótipos, com tendência para o super-herói, visto que o estereótipo de coitadinho apresenta uma maior taxa de ocorrência apenas em 2004.

Em Portugal, a situação é diferente. Apenas em 1996, o estereótipo coitadinho é mais abundante; a partir de 2000, o super-herói é o que impe-



ra. Aqui as taxas de ocorrência apresentam diferenças significativas em todas as edições, sendo que, a partir de 2000, o estereótipo de super-herói apresenta taxas superiores a 60%. Também é de se notar que na edição de Sydney-2000 o estereótipo de coitadinho esteve ausente. O projeto “Super Atleta”, pode ter contribuído para a manutenção do estereótipo de super-herói a partir de 2004, pois influenciou a mídia na forma de se referir a estes atletas. Os objetivos deste projeto são mobilizar a sociedade para a causa do Movimento Paralímpico, promover novas modalidades e captar novos praticantes, angariar os apoios que permitam proporcionar aos atletas os meios e as condições que necessitam para a sua preparação desportiva e garantir o futuro das Missões Paralímpicas (FPDD, 2008). A tendência para o estereótipo de super-herói vai ao encontro de outros estudos (SCHELL e DUNCAN, 1999; SMITH e THOMAS, 2005).

Passemos agora a analisar as subcategorias encontradas em cada um dos estereótipos.

**Quadro 03 – Porcentagem das subcategorias do estereótipo Coitadinho, em Portugal nas edições analisadas, referentes ao total do estereótipo em causa identificadas no ano.**

	1996	2000	2004	2008
Vítima	40%	0%	40%	50%
Sufrimento/Doença	40%	0%	60%	0%
Incapaz	20%	0%	0%	0%
Fardo	0%	0%	0%	50%
Mal/Problema	0%	0%	0%	0%
Anormalidade	0%	0%	0%	0%
Triste	0%	0%	0%	0%

\*As percentagens são apresentadas de forma arredondada

**Quadro 04 – Porcentagem das subcategorias do estereótipo coitadinho, no Brasil nas edições analisadas, referentes ao total do estereótipo em causa identificadas no ano.**

	1996	2000	2004	2008
Vítima	38%	0%	40%	75%
Sufrimento/Doença	0%	60%	40%	25%
Incapaz	12%	20%	0%	0%
Fardo	0%	0%	10%	0%
Mal/Problema	50%	0%	0%	0%
Anormalidade	0%	20%	0%	0%
Triste	0%	0%	10%	0%

\*As percentagens são apresentadas de forma arredondada

Ao lermos estes quadros (03 e 04), constatamos que a subcategoria vítima é a mais presente tanto em Portugal – 40%, 40% e 50%, em 1996, 2004 e 2008, respectivamente – quanto no Brasil – 38%, 40% e 75%, em 1996, 2004 e 2008, respectivamente. Em Portugal, a gama de subcategorias deste estereótipo é limitada, cingindo-se apenas a “vítima”, “sofrimento/doença” e “incapaz” em 1996; ausência do estereótipo em 2000; “sofrimento/doença” e novamente “vítima” em 2004; “fardo” e repetição de “vítima” em 2008.

No Brasil, a gama de subcategorias é mais ampla. Em 1996 encontramos “mal/problema”, “vítima” e “incapaz”; em 2000 “sofrimento/doença”, “anormalidade” e novamente “incapaz”; em 2004 o leque é ainda maior com “vítima”, “sofrimento/doença”, “fardo” e “triste”; e em 2008 apenas “vítima” e “sofrimento/doença”.

A vitimização das pessoas com deficiência reforça o paradigma do coitadinho, pois complementa o processo de objetificação da pessoa com deficiência, em que estes indivíduos se tornam a

personificação de suas deficiências. O propósito desta subcategoria é evocar compaixão e caridade, por se centrar na tragédia pessoal destes atletas, como nas matérias: “Um acidente ainda durante a gravidez da mãe foi o primeiro obstáculo (...)”<sup>2</sup>; “Vivia fechado no seu mundo, enclausurado dentro das quatro paredes de um apartamento em Lisboa, antes de fazer desporto”<sup>3</sup>. Outra subcategoria que anda de mãos dadas a esta é o “sofrimento/doença”, que se refere exatamente ao sofrimento e dor causados pela deficiência, ao declarar que o atleta “(...) sofre de paralisia cerebral desde a nascença”<sup>4</sup>, ou que os atletas paralímpicos merecem uma atenção especial pois “(...) todos tiveram algum tipo de trauma, e nem todos o superaram completamente”<sup>5</sup>. Além de ser vista como causadora de sofrimento às pessoas, nesta subcategoria vemos que a deficiência ainda é considerada como doença. Esta visão está de acordo com o modelo médico, que defende que a deficiência é causada por uma doença, limitação e que incorpora sofrimento e algumas desvantagens sociais.

Outra subcategoria encontrada é “fardo”. Descrever as pessoas como fardo reflete a visão de que o dever impele a família, os amigos ou a sociedade a atender as necessidades destes indivíduos. Ao mesmo tempo, temos a ideia de que um fardo é difícil de suportar e é também algo a ser evitado. Dessa forma, essa visão desumaniza os atletas com deficiência (NELSON, 1994). A subcategoria “triste”, que aparece apenas em 2004, no Brasil, reforça todas as outras ao estigmatizar as pessoas com deficiência como pessoas sempre tristes,

marcadas pela tragédia e, por conseguinte, responsáveis diretas pela tristeza em todos que com elas convivem ou as conhecem (MARQUES, 2001b).

Percebemos a tendência para a manutenção de subcategorias que podem ser consideradas menos politicamente incorretas, e o desaparecimento das subcategorias mais agressivas como por exemplo “mal/problema” que surge apenas em 1996 no Brasil; “incapaz” que pode ser verificado em 1996, em Portugal, e em 1996 e 2000, no Brasil; e “anormalidade” que foi registrado apenas em 2000, no Brasil.

As subcategorias “incapaz” e “anormalidade” também se relacionam. Marques (2001b) afirma que a forma como a mídia vem tratando a questão da deficiência reforça a ideia de anormalidade e de afastamento do padrão estabelecido como bom e desejável. A subcategoria “mal/problema” também vai ao encontro do modelo médico, colocando as pessoas com deficiência à margem do processo social, e concentra-se nos esforços de devolver às pessoas com deficiência o funcionamento “apropriado” para que possam então ser inseridas na sociedade (KAMA, 2004). Ao caracterizar a deficiência como um problema individual dissocia-se as experiências das pessoas com deficiência de qualquer contexto social.

#### **Quadro 05 – Porcentagem das subcategorias do estereótipo Super-herói, em Portugal nas edições analisadas, referentes ao total do estereótipo em causa identificadas no ano.**

	1996	2000	2004	2008
Superação	50%	67%	67%	86%
Exemplo	50%	33%	9%	14%

\*As porcentagens são apresentadas de forma arredondada

2 O Globo, 18 de Agosto de 1996, p. 54.

3 Visão, 15 a 21 de Agosto de 1996, p. 74.

4 Visão, 15 a 21 de Agosto de 1996, p. 76.

5 O Globo, 17 de Outubro de 2000, p. 34.





**Quadro 06 – Porcentagem das subcategorias do estereótipo Super-herói, no Brasil nas edições analisadas, referentes ao total do estereótipo em causa identificadas no ano.**

	1996	2000	2004	2008
Super-A atleta	0%	0%	11%	0%
Corajoso	12%	20%	33%	40%
Superação	75%	40%	33%	60%
Exemplo	12%	40%	22%	0%

\*As porcentagens são apresentadas de forma arredondada

O estereótipo de super-herói está ainda mais presente na cobertura midiática analisada. Como foi dito anteriormente, este modelo é comumente aplicado aos atletas com deficiência (HARDIN & HARDIN, 2004; SCHANTZ & GILBERT, 2001) e exacerba os já existentes desafios que a pessoa com deficiência enfrenta. Em Portugal, as subcategorias mais utilizadas neste estereótipo são o de “superação” e “exemplo”, que são registrados em todas as edições; em 2004, para além destes dois, aparecem também o “superatleta” e o “corajoso”. No Brasil, a situação é bem semelhante, pois além de “superação” e “exemplo”, o “corajoso” também é registrado em todas as edições; em 2004, o “superatleta” aparece.

A “superação” é a principal representação do super-herói, pois o atleta com deficiência supera vários obstáculos, principalmente sua própria deficiência, e triunfa. O estereótipo do super-herói corresponde precisamente à noção de realizações heroicas (SCHELL & DUNCAN, 1999) através da superação de obstáculos quase intransponíveis. Esta subcategoria, ao mesmo tempo em que destaca a ideia de superação de barreiras e obstáculos, está constantemente atrelada ao discurso que exalta o sofrimento do atleta e sua tragédia pessoal.

O que nos leva à segunda subcategoria mais utilizada, o “exemplo”. Os paratletas são considerados exemplos de superação e sacrifício. Aqui novamente conta-se a história trágica, a superação, e o atleta torna-se então o representante do grupo minoritário, servindo “(...) de exemplo para que milhões de pessoas que perderam o norte tentem voltar a viver”<sup>6</sup>. Os próprios atletas interiorizam este discurso: “(...) as medalhas devem servir para que os deficientes do Brasil recuperem a autoestima”<sup>7</sup>. A noção de herói aqui envolve mais do que a proeza esportiva, o que é enfatizado é a transcendência da deficiência para representar a fonte de força e esperança para os outros.

No seguimento desta subcategoria, surge outra, a “coragem” já evidenciada em outros estudos (SCHANTZ & GILBERT, 2001; SCHELL & DUNCAN, 1999; THOMAS & SMITH, 2003). Aqui fica a ideia de que o atleta com deficiência transcende-se pois é provido de “(...) coragem, determinação e espírito de luta (...)”<sup>8</sup>, e por ser “(...) um batalhador”<sup>9</sup>.

## CONCLUSÃO

Ao veicular quaisquer acontecimentos e informações, a mídia institui um contrato de leitura, um vínculo com seu leitor, telespectador ou ouvinte. Quando retrata um acontecimento, a mídia não é somente reprodutora de informações, mas produtora de sentidos, já que se caracteriza como lugar de construção simbólica dos acontecimentos. Nesta perspectiva, acrescenta-se que não há objetividade jornalística, como pregam muitos autores,

6 O Globo, 25 de Agosto de 1996, p. 59.

7 Estado de S. Paulo, 29 de Setembro de 2004, p. E4.

8 O Globo, 15 de Agosto de 1996, p. 36.

9 Estado de S. Paulo, 23 de Setembro de 2004, p. E5.

pois a produção de uma notícia é uma atividade simbólica, realizada por um indivíduo social, que mobiliza estratégias próprias para estabelecer seu modo de dizer e produzir sentidos.

Os dados de nosso estudo nos levam a crer que os meios de comunicação continuam a focar primeiramente na deficiência. Estes estereótipos e emoções reforçam as percepções dos atletas com deficiência como sendo coitadinhos e super-heróis. Nesse sentido, muitas vezes olhamos para estes atletas como tendo uma vida vazia onde não há espaço para amor, casamento, filhos, emprego, etc. (NELSON, 1994; ROSS, 2001); por outro lado, também os olhamos como super-humanos que ultrapassam as adversidades através de atos heróicos e, por isso, passam a ser modelo de referência (CLOGSTON, 1994; ROSS, 2001).

Por fim, voltamos a nossa hipótese inicial: os atletas com deficiência são representados estereotipadamente, em ambos os países, sendo que os estereótipos de super-herói e coitadinho serão os mais encontrados. Podemos dizer que ambos os estereótipos foram encontrados, com tendência do uso mais frequente do estigma do super-herói, tanto no Brasil quanto em Portugal. Outros estudos já evidenciaram que a presença de ambos os estereótipos é frequente nos meios de comunicação.

Muitas investigações sugerem que os atletas com deficiência são representados de forma negativa pelos meios de comunicação em geral – impresso, rádio, televisão –, através do uso de terminologia inadequada e de estereótipos que enfatizam a deficiência, e não o atleta. Contudo, em nossa pesquisa, ao analisarmos quatro edições do evento (1996, 2000, 2004 e 2008) em dois países (Portugal e Brasil) percebemos que o atleta paralímpico é representado de forma cada vez mais positiva. Devemos dizer, no entanto, que esta evolução ocorre de

forma muito lenta e controversa.

Outros estudos prévios indicam que há influência da cultura em relação às atitudes acerca das pessoas com deficiência, no entanto não há um consenso sobre o porquê de tais diferenças. Com nosso estudo, percebemos que a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos no Brasil e em Portugal apresentam mais semelhanças do que diferenças. Em ambos, os estereótipos analisados foram encontrados, com tendência para o super-herói, ficando as diferenças por conta das variações percentuais entre as edições analisadas.

Este fato pode ser explicado pela proximidade cultural entre os países, antes colônia e metrópole, hoje considerados países irmãos, e que por isso partilham não só a mesma língua, mas também algumas práticas culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. In: *Comum*, 6, 17, p. 111-125, 2001.

AUSLANDER, G. K.; GOLD, N. Media reports on disability: a binational comparison of types and causes of disability as reported in major newspaper. In: *Disability and Rehabilitation*, 21, 9, p. 420-431. 1999a Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/096382899297404>. Acesso em 24 Mar. 2008.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARNES, C.; MERCER G.; SHAKESPEARE, T. *Exploring Disability. A Sociological Introduction*. Cambridge: Polity Press, 1999.

CALVO, A. P. S. *Desporto para Deficientes e Mídia*. 2001. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. Porto, 2001.



CLOGSTON, J. S. Disability coverage in American newspapers. In: NELSON, J. A. (Ed.), *The disabled, the media, and the information age*. Westport, CN: Greenwood Press, 1994, pp. 45-53.

CORREIA, F. *Jornalismo e Sociedade*. Lisboa: Editorial Avante, AS, 2000.

FPDD. Projecto Super Atleta. Disponível em [http://www.fpdd.org/Default.aspx?\\_Locale=pt&sec=22&secgrp=5](http://www.fpdd.org/Default.aspx?_Locale=pt&sec=22&secgrp=5). Acesso em 28 de Junho de 2008.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The Supercrip in sport media: Wheelchairs athletes discuss hegemony's disabled hero. In: *Sosol*, 7, 2004. Disponível em: <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7il/v7il.html>. Acesso em 15 Mar. 2008.

HUGHES, B. The constitution of impairment: modernity and the aesthetic of oppression. In: *Disability & Society*, 14, 2, p. 155-172, 1999.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. In: *Communications*, 29, p. 447-466, 2004.

LONGMORE, P. K. Screening Stereotypes: Images of Disabled People. In: *Social Policy*, 16, 1, p. 31-37, 1985.

MARQUES, C. A. *A imagem da alteridade na mídia*. 2001. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais*. In: *Lumina*, 4, 2, p. 215-231, 2001b.

NELSON, J. A. Broken Images: Portrayals of those with disabilities in American media. In J. A. NELSON (Ed.), *The Disabled, the media, and the in-*

*formation age*, p. 1-17. Westport, CN: Greenwood Press, 1994.

PONTES, B.; NAUJORKS, M. I.; SHERER, A. *Mídia Impressa, Discurso e Representação Social: A Constituição do sujeito deficiente*. In: INTERCOM, 2001. Campo Grande. Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande, 2001.

ROSS, R. All ears: radio, reception and discourses of disability. In: *Media, Culture & Society*, 23, 4, p. 419-437, 2001.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. In: *Sociology of Sport Journal*, 18, p. 69-94, 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. In: *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16, p. 27-47, 1999.

SMITH, A.; THOMAS, N. The "inclusion" of elite athletes with disabilities in the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. In: *Sport, Education and Society*, 10, p. 49-67, 2005.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. In: *Sport Education and Society*, 10, p. 49-67, 2003.

THOMAS, N., e SMITH, A. *Disability, Sport and Society: An Introduction*. Nova York: Routledge, 2009.

Do Coitadinho ao Super-herói. Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa

**Tatiane Hilgemberg**

Data de envio: 28 de fevereiro de 2014

Data de aceite: 28 de maio de 2014

